

# F

orimei-me em Letras e na bebida busco esquecer. Mas só bebo nos fins de semana. De segunda a sexta trabalho numa editora, onde uma das minhas funções é examinar os originais que chegam pelo correio, entram pelas janelas, caem do teto, brotam do chão ou são atirados na minha mesa pelo Marcito, dono da editora, com a frase “Vê se isso presta”. A enxurrada de autores querendo ser publicados começou depois que um livrinho nosso chamado *Astrologia e Amor — Um Guia Sideral para Namorados* fez tanto sucesso que permitiu ao Marcito comprar duas motos novas para sua coleção. De repente nos descobriram, e os originais não param mais de chegar. Eu os examino e decido seu futuro. Nas segundas-feiras estou sempre de ressaca, e os originais que chegam vão direto das minhas mãos trêmulas para o lixo. E nas segundas-feiras minhas cartas de rejeição são ferozes. Recomendo ao autor que não apenas nunca mais nos mande originais como nunca mais escreva uma linha, uma palavra, um recibo. Se *Guerra e Paz* caísse na minha mesa numa segunda-feira, eu mandaria seu autor plantar cebolas. Cervantes? Desista, hombre. Flaubert? Proust? Não me façam rir. Graham Greene? Tente farmácia. Nem le Carré escaparia. Certa vez recomendei a uma mulher chamada Corina que se ocupasse de afazeres domésticos e poupasse o mundo da sua óbvia demência, a de pensar que era poeta. Um dia ela entrou na minha sala brandindo o livro rejeitado que publicara por outra editora e o atirou na minha cabeça. Quando me perguntam a origem da pequena cicatriz que tenho sobre o olho esquerdo, respondo:

— Poesia.

Corina já publicou vários livros de poemas e pensamentos com grande sucesso. Sempre me manda o convite para seus lançamentos e sessões de autógrafos. Soube que sua última obra é uma compilação de toda a sua poesia e prosa, com quatrocentas páginas. Capa dura. Vivo aterrorizado com a ideia de que ainda levarei esse tijolo na cabeça.

Uma ameaça imediata vinha do Fulvio Edmar, autor do *Astrologia e Amor*, que nunca recebera os direitos autorais pela sua obra. Ele pagara pela primeira edição e achava que deveria receber os direitos integrais de todas as edições depois que o livro estourara. O Marcito não concordava. E eu é que tinha que responder as cobranças cada vez mais desafortunadas de Fulvio Edmar. Há anos trocávamos insultos por cartas. Nunca nos encontramos. Ele já descrevera com detalhes como faria para que meus testículos substituíssem minhas amídalas, quando isso acontecesse. Eu já o avisara que carregava sempre uma soqueira no bolso.

Mesmo as minhas cartas de rejeição mais violentas, minhas diatribes de segunda-feira, terminam com um P.S. amável. Instrução do Marcito. Se a pessoa estiver disposta a pagar pela edição do seu livro, a editora terá enorme prazer em rever sua avaliação etc. etc. Conheci o Marcito na escola. Os dois com 15 perebentos anos. Ele sabia que as minhas redações eram as melhores da turma e me convidou para escrever histórias de sacanagem, que reunia num caderno grampeado, intitulado *O Punheteiro*, e alugava para quem quisesse levá-lo para casa, com a condição de devolver no dia seguinte sem manchas. Depois da escola passamos anos sem nos ver até que descobri que ele abrira uma editora e fui procurá-lo. Eu tinha escrito um romance e queria publicá-lo. Não, não era de sacanagem. Demos boas risadas lembrando os tempos de *O Punheteiro*, mas o Marcito disse que, a não ser que eu pagasse pela edição, não tinha como publicar meu romance, uma

história de espionagem sobre um fictício programa nuclear brasileiro abortado pelos americanos. A editora estava recém-começando. Ele era sócio de um tio, fabricante de adubo, cujo único interesse na editora era a publicação de um almanaque mensal distribuído entre seus clientes no interior do estado. Mas Marcito me fazia uma proposta. Tinha planos para criar uma editora de verdade. Precisava de alguém que o ajudasse. Se eu fosse trabalhar com ele, eventualmente publicaria meu romance. Não podia prometer um grande salário, mas... Me lembrei que ele não dividia comigo o dinheiro do aluguel de *O Punheteiro*. Ia certamente me explorar de novo. Mas a ideia de trabalhar numa editora me seduzia. Afinal, eu me formara em Letras e na época era funcionário de uma loja de vídeos. Estava com 30 anos. Tinha recém me casado com a Julinha. O João (a Julinha não aceitou que ele se chamasse le Carré) estava para nascer. Topei. Isso foi há 12 anos. Minha primeira tarefa na editora foi copiar um texto sobre camaleões de uma enciclopédia, para incluir no almanaque. Escolha profética: o camaleão é um bicho que se adapta a qualquer circunstância e desaparece contra o fundo. Desde então é isso que eu faço. Leio originais. Escrevo cartas. Redijo quase todo o almanaque para ajudar a vender adubo. Me lamento e bebo. E, lentamente, desapareço contra o fundo.

A editora cresceu. Descobri que o Marcito não era só um filho de pai rico cretino como eu sempre imaginara. Tinha um gosto, que eu jamais suspeitaria num colecionador de motos, pelo Simenon. Depois do sucesso de *Astrologia e Amor*, começamos a publicar mais livros, na maioria pagos pelo autor. Alguns até vendem, se tivermos sorte ou a família do autor for grande. Vez que outra eu recomendo a publicação de um original que chega à minha mesa. Principalmente se o examino numa sexta-feira, quando estou cheio de boa vontade com a humanidade e suas pretensões literárias, pois sei que o dia acabará

na mesa do bar do Espanhol, onde começa o meu porre semanal. Meus três dias de consciência embotada pela cachaca e a cerveja em que me livro de mim mesmo e de mi puta vida. Meu companheiro mais frequente na mesa do Espanhol é o Joel Dubin, que vai na editora duas vezes por semana, quartas e sextas, para fazer a revisão do almanaque ou de provas de eventuais livros em preparação e cujos olhos azuis, dizem, alvoroçam as meninas no cursinho pré-vestibular em que dá aulas de português, apesar da sua baixa estatura. Ele jura que nunca comeu nenhuma aluna, embora promettesse loucas noites de amor às que passassem no vestibular. Sei pouco sobre a vida sexual real do Dubin, fora a certeza de que é melhor do que a minha. As cadeiras do bar do Espanhol têm uma vida sexual melhor do que a minha. Dubin costumava se enternecer por namoradas impossíveis. Certa vez estava quase brigando com uma quando ela perguntou a um garçom se não tinham fricante sem bolinha. Decidiu que não poderia deixá-la solta no mundo, e quase se casaram. Fazia poemas, maus poemas. Se apresentava como “Joel Dubin, poeta menor”. Tinha um poema que repetia sempre para namoradas em potencial, algo sobre ser uma hipotenusa em riste atrás de um triângulo que a acomodasse, e que chamava de “cantada geométrica”. As que entendiam o poema ou sorriam só para agradá-lo ele descartava porque não queria nada com intelectuais. Preferia as que gritavam “O quê?!”

Dubin e eu tínhamos longas discussões, na editora e na mesa do bar, sobre literatura e gramática, e discordávamos radicalmente quanto à colocação de vírgulas. Dubin é um oficialista, diz que há leis para o uso da vírgula que devem ser respeitadas. Eu sou relativista: acho que vírgulas são como confeitos num bolo, a serem espalhadas com parcimônia nos lugares onde fiquem bem e não atrapalhem a degustação. Não é raro eu re-revisar uma revisão do Dubin e cortar as vírgulas que ele acrescentou ou acrescentar esparsas vírgulas minhas em desafio às regras,

onde acho que cabem. No bar, nossas conversas começavam com a vírgula e depois se expandiam, abrangendo a condição humana e o Universo. Ficavam mais vitriólicas e estridentes à medida que nos embebedávamos, até o Espanhol vir pedir para baixarmos a bola. Difamávamos todos os escritores da cidade, com rancor crescente. Ainda hoje não sei se o Dubin me acompanha até o fundo nos meus mergulhos semanais na inconsciência. Não sei como chego em casa nas sextas-feiras. Talvez seja carregado por ele, que não bebeu tanto. Nunca perguntei. No fim das tardes de sábado nos encontrávamos outra vez na mesma mesa do bar do Espanhol e retomávamos a mesma bebedeira e a mesma conversa insana. Era uma maneira de dramatizar nossa própria mediocridade sem saída, uma forma de flagelação mútua pela banalidade. Dubin chamava nossas discussões intermináveis de pavanais para mortos-vivos. Uma vez ficamos quase uma hora gritando um para o outro, a respeito de não me lembro que dúvida gramatical:

— Ênclise!  
— Próclise!  
— Ênclise!  
— Próclise!  
— Ênclise!  
— Próclise!

Até o Espanhol fazer sinal, de trás do balcão, para baixarmos a bola.

Também não sei como chego em casa nas madrugadas de domingo. Passo os domingos dormindo. A Julinha e o João iam almoçar na casa da irmã dela. Ficávamos só eu e o cachorro, o Black. A doce Julinha com quem me casei porque estava grávida desapareceu dentro de uma mulher gorda e amarga do mesmo nome e nunca mais foi vista. Aos domingos ela só deixava comida para o cachorro. Se eu quisesse comer, precisava negociar com o Black. Ela não falava mais comigo. O João estava com 12 anos e também não falava mais comigo. Só quem falava

comigo era o Black. Pelo menos seu olhar parecia dizer “Eu entendo, eu entendo”. No fim das tardes de domingo vou de novo encontrar o Dubin no bar do Espanhol. Que não é espanhol. Chama-se Miguel e começou a ser chamado de “Dom Miguel” pelo professor Fortuna, e depois de “Espanhol”. O professor Fortuna também não é professor. Frequentava o bar, mas não se sentava conosco. Dizia que não gostava de se misturar, referindo-se não a nós, mas à humanidade em geral. Explicava que chamava o Espanhol de Espanhol porque ele lhe lembrava Miguel de Unamuno, que conhecia pessoalmente. Pelo que sabíamos, Unamuno nunca estivera em Porto Alegre e o professor nunca saíra daqui. Às vezes desconfiávamos que ele nunca saíra do bar do Espanhol. E, mesmo, as idades não combinariam, embora o professor seja bem mais velho do que eu e o Dubin. “Um blefe”, é o que ele dizia de Unamuno. Suspeitávamos que o professor não lera nenhum dos autores sobre os quais tinha opiniões definitivas. Costumava dizer:

— O homem é Nietzsche. O resto é lixo.

— E Heidegger, professor?

Ele esfregava a cara com as duas mãos, invariável prelúdio para uma das suas sentenças categóricas.

— Enganador.

Marx?

— Já deu o que tinha que dar.

Camus?

— Veado.

O professor Fortuna tinha sempre a barba por fazer e vestia um sobretudo cor de rato molhado, fosse qual fosse a estação do ano. Não é um homem feio, mas era tão difícil acreditar nas peripécias sexuais que contava (“aprendi na Índia”) quanto acreditar que lia grego no original, como também afirmava. Dizia que qualquer dia me entregaria para publicação o livro que estava escrevendo, uma resposta à *Crítica da Razão Pura* com o título provisório de *Anti Kant*. Sabíamos quase nada da sua vida, mas

tínhamos certeza de que o livro não existia e que ele nunca lera Kant. Ou Nietzsche. Dubin e eu frequentemente o envolvíamos em nossas discussões, mesmo quando a sua mesa estava longe da nossa e tínhamos que gritar para que nos ouvisse.

— Qual é sua posição sobre a vírgula, professor?

E ele:

— Sou contra!

Tese do professor: vírgula qualquer um põe onde quiser. O verdadeiro teste para um escritor é o ponto e vírgula, que, segundo ele, até hoje ninguém soube como usar. Salvo, talvez, o Henry James, que ele obviamente também nunca leu. Um debate recorrente entre nós era se livros policiais e de espionagem podem ser boa literatura. Eu dizia que sim, o Dubin não tinha certeza e o professor não tinha dúvida: era lixo. Ele reagia às minhas evidências em contrário com sons de desprezo. Graham Greene? Bó! Rubem Fonseca? Blech! Raymond Chandler? Acht! Uma vez perguntei se ele tinha comprado um certo livro do John le Carré.

— Pra quê? Já tenho papel higiênico em casa.

Só não me levantei para bater nele porque não conseguiria. Era sábado e eu já estava a meio caminho do fundo.

Por que estou contando tudo isso? Tome como um pedido de misericórdia ou um pedido de castigo. Um atenuante para o que virá, ou um agravante. Minha defesa ou minha condenação. Era isso que eu era quando chegou o primeiro envelope branco. Era isso que nós éramos. Mortos-vivos barulhentos mas inocentes. Juro, inocentes. Ou tome como apenas uma descrição do cenário contra o qual eu desaparecia, como um camaleão, quando a história começou. Primeiro capítulo, primeira cena, dois pontos: um pântano sulfuroso, um lago de lamúrias, onde certo dia pousou um envelope branco como um pássaro perdido.

Agora está tudo terminado, o que estava nas estrelas para acontecer aconteceu, e não somos mais inocentes. Ou pelo menos aqueles inocentes. Nada pode ser feito, nada pode ser desfeito, ficou só a história para contar e a culpa para metabolizar. Nos amaldiçoem, por favor. Sejam caridosos e nos amaldiçoem.

O primeiro envelope branco chegou na editora pelo correio numa terça-feira. Eu ainda estava com restos da ressaça de segunda, por pouco não o joguei na cesta de papéis sem sequer abri-lo. Mas a letra com que fora endereçado, por alguma razão, me deteve. Algo de suplicante naquelas letras maiúsculas feitas por uma mão trêmula, que poderia ser de uma criança, me fez abrir o envelope. Dentro havia um maço de quatro folhas entre capas transparentes, presas por uma espiral. Na primeira folha, apenas um título, “Ariadne”, feito com caneta esferográfica, com uma florzinha em cima do “i”. Até o fim, a única coisa que eu realmente nunca entendi nessa história foi a florzinha em vez do ponto do “i”. Se tivesse entendido a florzinha, a história não teria acontecido e todos estaríamos salvos. Entre a primeira e a segunda folha, um bilhete dobrado. Alguém que se assinava “Uma amiga”, dizendo que a autora daquelas folhas não sabia que elas tinham sido xerocadas e mandadas para a editora. Eram as primeiras páginas de um diário, ou de uma autobiografia, ou de uma confissão. A “amiga” pedia que o texto fosse examinado “com carinho”. Se sua publicação nos interessasse, mandaria o resto do livro quando ficasse pronto. Um “sim” da editora ajudaria a convencer a autora a terminar o que começara naquelas poucas páginas. “Por favor digam sim!”, terminava o bilhete.

Li as primeiras linhas do texto manuscrito.

“Meu pai conheceu um pintor na Europa que era obcecado por Ariadne. Devo o meu nome à obsessão de alguém que nunca vi. Às vezes penso que toda a minha vida foi regida pelas obsessões dos outros. Ao menos a

obsessão que me matará será só minha pois nada é tão autoindulgente e solitário quanto o suicídio. Mas não agora não agora.”

“Obsessão” estava escrito errado, mas isso não me fez atirar as folhas na cesta como fazia com os originais da Corina, que escrevia “luzedia”. Continuei a ler. “Ariadne” tinha 25 anos. Não se suicidaria em seguida porque “preciso ir me fechando aos poucos como alguém que fecha a casa antes de viajar. Janela por janela peça por peça. Primeiro o coração”. Só com o coração fechado ela poderia se vingar do que tinham feito com ela e com alguém que chamava de “o Amante Secreto”. Se vingar dos que tinham destruído tudo, “nosso passado o salão da velha casa com as velas acesas no chão o canto do jardim em ruínas em que ele disse que se a lua sorrisse seria parecida comigo e eu gritei ‘Está me chamando de cara de lua?!’ e ele me beijou na boca pela primeira vez”. Só sem o coração para detê-la se vingaria, como eles mereciam, do que tinham feito com seu pai também, “coitadinho tão distraído que até agora não deve saber que está morto”. Nas quatro folhas manuscritas não se ficava sabendo quem eram os “eles”, de quem Ariadne se vingaria antes de se suicidar. Ou como seriam, a vingança e o suicídio. As quatro folhas terminavam com a autora evocando “a casa do ipê-amarelo”, onde, presumi, estavam o salão com as velas no chão e o jardim em ruínas em que ela e o Amante Secreto se encontravam.

Fiquei fascinado com o texto. Não pelo seu valor literário — aquela lua sorridente era um pouco demais para meu estômago, que ainda se recuperava do fim de semana. Não sei explicar o encantamento, o que significa que não sei explicar essa história. Era mais um deslumbramento, no sentido original de uma luz desfazendo sombras. Uma súbita invasão do escuro em que eu vivia. Ariadne invadira o meu cérebro junto com a luz que emanava do seu texto. Num instante eu a imaginei inteira, e tão intensamente que o sentimento seguinte foi um ab-

surdo ciúme do “Amante Secreto”! Ou talvez o que me atraísse fosse a tragédia iminente no texto, minha identificação com uma cossuicida em formação. Ou então a completa ausência de vírgulas.

Olhei atrás do envelope. O endereço da remetente era uma caixa postal na cidade de Frondosa.

A secretária do Marcito se chama Bela. É uma italianona alta e loira com bochechas rosadas. Trabalhamos na mesma sala. Sempre que chegava na editora, o Dubin cantava “Bela Bela giovanela”, e ela revirava os olhos e suspirava, exausta do efeito que tinha sobre homens bobos. Aos convites do pequeno Dubin para irem tomar café colonial na serra (“Meu sonho é possuí-la entre sete tipos diferentes de geleia”, dizia ele), ela sugeria que ele a procurasse quando crescesse. A bela Bela tem um namorado maior do que ela, mas não sabemos o que acontece quando o Marcito a chama para a sua sala e fecha a porta. Seja o que for que fazem lá dentro, fazem em silêncio.

Estávamos só ela e eu na editora na tarde em que chegou o envelope branco e perguntei se ela sabia onde ficava Frondosa.

— Frondosa, Frondosa... Lá na minha zona não é.

A bela Bela vivera no interior de uma zona de colonização italiana até os 15 anos. Dubin dizia que tinha fantasias eróticas com a bela Bela andando entre porcos com seus pés nus. Sonhava com a batata das suas pernas enlameadas. Dizia que seu fetiche era panturrilha de camponesas adolescentes. Perguntava à bela Bela se o padre da paróquia a botava no colo e acariciava a batata das suas pernas e queria saber detalhes. A bela Bela não achava graça.

— O Túlio deve saber onde fica isso — disse a bela Bela, apontando para o envelope branco.

Túlio é um representante da fábrica de adubos do tio do Marcito. Viaja por todo o interior do estado. É ele quem distribui o almanaque entre os clientes da fábrica. Certamente saberia tudo sobre Frondosa.

— Ele vem amanhã — lembrou a bela Bela, antes de voltar para a sua *Contigo*.

Ariadne. Florzinha em cima do “i”. Um nome fictício? O pai, fictício ou não, escolhera o nome. Como era mesmo o mito de Ariadne? Filha de Minos, rei de Creta. Apaixonada por Teseu, a quem dera um novelo de linha para ajudá-lo a sair do labirinto depois de matar o Minotauro. Ariadne ficara segurando a ponta da linha para o amante, na entrada do labirinto. Agora havia uma Ariadne, fictícia ou não, na ponta de uma linha num lugar chamado Frondosa. A outra ponta da linha estava ali na minha frente. Um fiapo de linha. Nada. Apenas o número de uma caixa postal num lugar desconhecido, atrás de um envelope branco. Apenas um começo.